

Penna: Credores não têm como recuar

Rio — O ministro da Indústria e do Comércio, Camilo Penna, afirmou ontem, durante a abertura do XIV Congresso Brasileiro de Siderurgia, no Rio, que o Brasil se encontra "numa escalada ascendente, progressiva e sem limites", no que diz respeito às renegociações do pagamento da dívida externa. Citando como exemplo a carta endereçada por sete países latino-americanos aos chamados "sete grandes", desde ontem reunidos em Londres, Penna disse que "entramos numa segunda fase das negociações, que é a fase político-diplomática".

Na opinião do Ministro, a evolução desses entendimentos dependerá do que for acertado na atual fase, mas ele descartou que o Brasil venha a seguir o exemplo mais recente da Bolívia, com o pedido de moratória. Em tom bastante moderado, Penna criticou os países credores cujas atitudes, segundo ele, não vêm correspondendo às demonstrações brasileiras de adotar uma política austerá para conseguir pa-

gar seus débitos. "Esperávamos que assim como demonstramos ser bons devedores, eles também demonstrassem ser bons credores, o que não está ocorrendo", disse o ministro, referindo-se às taxas de juros. E chegou a pedir ajuda às multinacionais para que pressionem os países desenvolvidos no sentido de que alterem as condições de pagamento da dívida.

Dizendo-se temeroso em comparecer à abertura do XIV Congresso de Siderurgia, "por repetir a mesma cantilena de um velho tambor", Penna não pouparon elogios ao crescimento da produção do aço brasileiro e instigou os empresários a exportarem "mais o aço manufaturado do que a matéria-prima", e disse esperar que, passado o período eleitoral norte-americano, "os EUA voltem a bater em nossa porta pedindo aço".

Ele iniciou seu pronunciamento diante de mais de 200 representantes do setor, afirmando que a grande pergunta no momento é "se os sinais de recuperação que têm ocorrido ca-

racterizam uma tendência ou são apenas pulsões". Disse também que "a abertura política que vivemos exige novas atitudes e novas formulações", e em rápida análise da conjuntura, observou que "cada vez mais o Poder Executivo tem menos influência, o Congresso tem mais poderes e os empresários mais ligados às suas entidades representativas devem buscar maior união entre suas entidades, preocupando-se em influir menos no Executivo e mais no Congresso".

Ele considerou que as exportações podem representar o papel "de motor de arranque para toda a economia" e entre os grandes problemas a resolver, como taxa cambial e dívida externa, destacou a inflação que, segundo ele, "estipula os negócios ilícitos e desestimula os honrados". Na entrevista coletiva à imprensa ele chamou o reequilíbrio do FMI, a política recessiva adotada pela Seplan, de "terapia clássica dos anos 50, que já está bem velhinha".